

PLANEJAMENTO: UM ALIADO IMPRESCINDÍVEL PARA A EXCELÊNCIA DO TRABALHO DOCENTE¹

Gleydson da Paixão Tavares²

Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC

Resumo: O trabalho pedagógico requer uma organização e uma sistematização e, nesse sentido, o planejamento desempenha um papel fundamental na prática docente. O presente artigo tem como objetivo identificar o impacto do planejamento no trabalho docente na Educação Superior. O procedimento metodológico adotado foi à pesquisa exploratória, por meio de aplicação de questionário semiestruturado, composto por 02 questões abertas e 08 fechadas. A amostra foi constituída por 32 professores bacharéis (02 por curso), de um universo de aproximadamente 389 professores, atuantes nos 16 cursos ofertados no ano de 2007, pela Universidade Estadual de Santa Cruz. A escolha inicial dos colaboradores da pesquisa foi aleatória e, ao final, foi definida a partir dos questionários com as respostas próximas ao problema e aos objetivos do estudo. Os dados foram levantados quantitativamente, analisados e discutidos qualitativamente. Os resultados apontaram que apenas 35% dos professores pesquisados percebem a importância do desdobramento do planejamento em função das necessidades dos alunos. Revelaram também que somente 56% dos professores acreditam que seu planejamento atende ao que eles consideram importante para a formação dos alunos e que 100% dos entrevistados afirmaram, contrariando as suas respostas anteriores, que o ato de planejar influencia, consideravelmente, no desenvolvimento do trabalho docente. Este estudo demonstrou que a excelência do processo ensino-aprendizagem depende de uma maior clareza, por parte dos professores, do papel do planejamento e de um plano que atenda às necessidades dos alunos e que contribua para a sua formação enquanto profissional e cidadão.

Palavras-chave: Aprendizagem. Plano de Ensino. Professor.

1 INTRODUÇÃO

No mundo contemporâneo, os indivíduos se agrupam em instituições e compõem as organizações. Neste sentido a Administração tem um papel fundamental, pois, viabiliza a realização de ações com o intuito de otimizar os recursos para o alcance de objetivos diversos. As tarefas direcionadas para as áreas de produção de bens e de prestação de serviços fazem parte de um processo administrativo – são planejadas, coordenadas, dirigidas e controladas dentro das organizações.

¹ Texto-síntese da produção monográfica do Curso de Especialização em Docência do Ensino Superior, da Universidade Cândido Mendes – UCAM/RJ, orientado pelo professor Me. Carlos Afonso Leite Leocadio.

² Especialista em Gestão em Recursos Humanos e Docência do Ensino Superior pela Universidade Cândido Mendes (UCAM); Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC (Brasil). guedo@uesc.br

De acordo com Daft (2007) o ato de planejar refere-se à capacidade de identificar um problema, escolher entre as opções e decidir onde por caminhar. A intenção do planejamento e do estabelecimento de metas é auxiliar a organização a alcançar um desempenho elevado. Esse desempenho organizacional está relacionado com o alcance dos resultados identificados pelo processo de planejar.

Para Maximiano (2004, p. 105), “o processo de planejamento é a ferramenta que as pessoas e organizações usam para administrar suas relações com o futuro. É uma aplicação específica do processo decisório”.

Na percepção de Morin (2000), nos dias atuais entende-se que a educação é um fator de mudança, renovação e progresso. Por tais circunstâncias, o planejamento se impõe, neste setor, como um meio de organização. É, portanto, o fundamento de toda ação educacional e, em virtude de a educação ser considerada um investimento imprescindível à globalidade desenvolvimentista, passou nas últimas décadas a receber mais atenção por parte de autoridades, legisladores e educadores.

O objetivo desse estudo é verificar se planejamento se configura como um elemento impactante no trabalho docente na Educação Superior. Tem como propósito caracterizar o olhar dos professores acerca do planejamento em sua prática pedagógica bem como observar se há uma relação entre o desenvolvimento da ação docente planejada e a qualidade do ensino e da aprendizagem.

2 COMPREENDENDO MELHOR O PLANEJAMENTO

Segundo Morin (2000), em comparação com o que ocorreu desde o homem primitivo até os dias atuais, nas últimas décadas, notou-se uma aceleração no processo do desenvolvimento mundial. Em decorrência dessas mudanças, exigiu-se a intensificação das relações humanas, aumento de atividades e necessidade de maiores conhecimentos. Em face disso, o homem tem se esforçado para melhor adaptar-se a seus semelhantes. Pela investigação cada vez mais aprofundada das relações humanas, ele busca dirimir tensões, conflitos e contradições, favorecendo, assim, a cooperação e a colaboração.

Diante destas transformações faz-se necessário uma referência ao planejamento. O ato de planejar não se trata de uma prática estranha às pessoas comuns; ao contrário, conforme destaca Baffi (2002) o planejamento é algo que permeia o dia a dia de qualquer pessoa, pois, por mais que elas não percebam, planejam todas as suas ações.

Desde os tempos mais remotos, o homem percebeu a necessidade de se organizar por meio do planejamento. Observa-se que para a construção das pirâmides egípcias, os canais de irrigação da Mesopotâmia, templos astecas, palácios indianos, muralhas chinesas, dentre outros projetos arquitetônicos, foi imprescindível a elaboração de planos complexos e estratégicos que disciplinaram a concretização desses monumentos.

Pode-se dizer que o planejamento é inerente ao próprio comportamento humano. O homem, naturalmente, se organiza antes de realizar uma atividade e adota o planejamento em seu cotidiano. Por exemplo, mesmo sem perceber, quando vai ao supermercado, entra em gozo de férias, realiza uma festa ou até mesmo quando deseja emagrecer, muitas vezes inconscientemente, ele desenvolve um plano de ação.

O planejamento requer uma visão, um pensamento voltado para o futuro. É composto de várias etapas interdependentes que, através de seu conjunto, tornam possível à pessoa ou grupo concretizar seus anseios. É também o alicerce para uma ação sistemática.

Robbins (2005) define o planejamento como um dos pilares de uma empresa para alcançar o objetivo. Isso decorre do estabelecimento de uma estratégia global para se atingir as metas e desenvolver uma hierarquia de planos, os quais abrangem a integração e coordenação das atividades. Para Bateman (1998, p. 121), o planejamento é o processo consciente e sistemático de tomar decisões sobre objetivos e atividades que uma pessoa, um grupo, uma unidade de trabalho ou uma organização buscarão no futuro. Diante disto, pode-se asseverar que planejar é o método essencial para ter eficiência nas ações e para obter eficácia nos resultados.

3 AS DIFERENTES VISÕES DO PLANEJAMENTO: UM ENFOQUE EDUCACIONAL

3.1 Planejamento como mecanismo de mudanças

Para Cappelletti (1972), o planejamento educacional é um processo contínuo que se preocupa como por onde se deve caminhar e as formas de chegar até o objetivo, tendo em vista a situação presente e possibilidades futuras, para que o desenvolvimento da educação atenda tanto as necessidades da sociedade, quanto as do indivíduo.

Ainda na percepção da autora anteriormente citada, o planejamento curricular é na verdade um processo de tomada de decisões sobre uma realidade educacional e sua dinâmica

de atuação. É uma forma de fazer uma previsão ordenada da vida escolar do aluno em conjunto com sua realidade social. Por esse motivo, pode-se caracterizar o ato de planejar como um instrumento de orientação para a ação educativa, tendo em vista uma preocupação com a proposta geral das experiências da aprendizagem educacional.

Luckesi (1993), a esse respeito, afirma que não se pode falar de planejamento educacional sem falar das instituições de ensino, em especial a escola, instituição esta que pode ser entendida como um lugar onde, também, se dão as contradições sociais que ocorrem na sociedade em que ela está situada e, por isso, participa dos processos sociais – contraditórios – de reprodução e de transformação.

Nesse sentido, o papel fundamental da escola é atuar “na preparação do aluno para o mundo adulto e suas contradições, fornecendo-lhe um instrumental, por meio da aquisição de conteúdos e da socialização da sociedade” (LIBÂNEO, 1998, p. 39).

No caso específico da universidade pode-se afirmar que o seu papel é o de participar da construção da sociedade da qual faz parte, através de ações afirmativas que estabeleçam reais transformações no ambiente. Ela participa da formação de profissionais que serão atores desse processo; não é apenas um local de ensino superior, pois se sua função estivesse atrelada somente a essa condição, perderia, assim, o real sentido de sua existência (ZABALZA, 2004).

Além disso, uma educação centrada nesses parâmetros, certamente, contribuirá para a formação de cidadãos mais esclarecidos e mais capazes de alcançar melhores condições de vida. Sabe-se que uma instituição de ensino não é, e nem poderia ser, a responsável pela concretização desse processo de transformação social; muitas outras instituições também são responsáveis e capazes de buscar meios para que essa mudança possa ocorrer. Porém, em todas elas, existe a necessidade de se verificar os caminhos que devem ser seguidos a partir da avaliação diagnóstica do que já foi feito, procurando saber se realmente foram relevantes suas ações e o que precisa ser mudado.

3.2 Planejamento numa perspectiva humana

De acordo com Menegolla e Sant’Anna (1999), o planejamento possui uma dimensão humana. Nessa perspectiva, a educação tem um papel fundamental de conhecer o ser humano em toda sua dimensão e suas possibilidades, entendendo-o a partir do contexto social no qual está inserido. Também, a partir disso, ajudá-lo a encontrar os melhores caminhos para obter

uma vida sadia e prazerosa, mostrando que é possível ser livre em uma sociedade que o aliena e o explora inconscientemente.

Os autores citados anteriormente ainda apontam que o homem está situado em um mundo cujas leis e princípios parecem imutáveis. É bem verdade que o homem tem um pensar autônomo, mas a cultura que está inserida no indivíduo o direciona e forma boa parte, ou até a maioria, de seus pensamentos e idéias, não como algo definitivo, mas como um fator de forte influência, que deve ser levado em consideração no processo educativo. Planejar o processo educativo é planejar o indefinido, porque a educação não é um processo em que os resultados podem ser completamente predefinidos. Deve-se planejar a ação educativa para o homem, sem impor diretrizes. O planejamento deve ser apenas norteador do processo, e não delimitador, deve adequar-se a cada realidade educativa. A grande finalidade da educação não é estabelecer o definitivo para um planejamento educativo.

De certo, a educação busca novos horizontes e novas situações de ensino; ela procura ser um instrumento de liberdade, conscientização e compromisso para com o mundo. O planejamento deve refletir sobre os princípios educacionais que são capazes de orientar o homem, sendo este entendido como ser que constitui e dá sentido ao universo.

Diante disso, Morin (2000) diz que é preciso que o planejamento esteja voltado para uma ação educativa que liberte os homens para a vida com atos conscientes e críticos, que proporcione superação de limites do conhecimento, ou seja, a capacidade de criar e assumir novos paradigmas, que não contribua para a formação de indivíduos estáticos e conformistas, sem iniciativa e sem consciência da importância de sua participação. O que se deve privilegiar é uma formação em que cada sujeito busque solucionar os problemas que surjam no decorrer de suas vidas de forma coerente e autônoma, planejando a educação para uma convivência social mais adequada, envolvendo princípios e valores morais relevantes em oposição à aceitação de regras impostas, deixando prevalecer uma ética voltada para o resgate da condição humana, frente à responsabilidade de sua existência planetária.

4 O TRABALHO DOCENTE E O PLANEJAMENTO

Ao longo dos séculos, o trabalho do professor universitário tem passado por transformações diversas e significativas. Ao longo da história pode-se ver que, no início, era mais uma ocupação que um trabalho, passando a ser uma “missão” (quando desenvolvido por religiosos), sendo comum encontrar profissionais técnicos que lecionavam e poucos

acadêmicos profissionais. Atualmente, esta ocupação tornou-se uma carreira profissional, com requisitos de preparo, planos de cargos e salários, dedicação integral e atualização constante. Nota-se, portanto, uma exigência maior em termos de formação e qualificação profissional, o que requer domínio da disciplina a ser ensinada e conhecimentos didáticos sobre como planejar a aula e usar as estratégias mais adequadas para fomentar o aprendizado do aluno (FERENC, 2005).

O trabalho docente é tido por muitos professores como uma simples forma de sobrevivência e os alunos, por sua vez, o encaram como mercadoria. Assim sendo, o trabalho intelectual “é tomado como um fim em si mesmo, adequado a restritas aspirações profissionalizantes, desvinculados das causas, sentidos e compromissos que poderiam orientá-lo” (VASCONCELLOS, 2004).

De acordo com Sadalla et al. (2005), o professor precisa ser mais atuante e, por isso mesmo, as práticas e vivências educacionais devem ser planejadas de forma a facilitar as discussões, identificação e incorporação de valores e técnicas, possibilitando ao educando a oportunidade de vivenciá-la. Dessa forma, os valores serão associados à formação conceitual-teórica e à técnica, que, postas em prática, conduzirão ao conhecimento, discernimento, avaliação e ação. Neste caminho, o verdadeiro educador não pode contentar-se em ser apenas um conteudista, um “transmissor” de informações. O ensino deve estar repleto de significados.

Pode-se dizer, à luz do que discute Giussani (2000), que, em tempos de globalização, em que o conhecimento é produzido em ritmo cada vez mais veloz e as informações circulam quase em tempo real ao suceder dos fatos, espera-se que o docente: esteja em contínuo aperfeiçoamento; desenvolva habilidades cognitivas voltadas à resolução de problemas; forme um conceito de seu trabalho, consciente de seus valores e normas; fundamente-se em uma concepção de educação; e saiba comunicar-se eficazmente.

Enquanto educador espera-se que o docente: perceba a relação entre educação familiar e ensino; assuma responsabilidades pedagógicas pelo que faz; crie uma atmosfera pedagógica positiva; compreenda as diferenças socioculturais; identifique necessidades de cuidados sociopedagógicos especiais; estimule o trabalho independente; e incentive a cooperação entre os alunos.

Para direcionar-se frente à nova estrutura educacional, o educador é convidado a refletir, num primeiro momento, acerca das mudanças e das novas dinâmicas sociais, posicionar-se diante delas e decorrente a isso fazer com que o seu aluno tenha consciência que

faz parte dessas novas transformações e que, em muitas delas, é o ator principal (WERNECK, 1997).

Além disso, é preciso que o professor atue de forma planejada, não improvisada e que tenha noção exata do que está fazendo. Assim sendo, na percepção de Coaracy (apud TURRA et al., 1993, p. 14) o planejamento educacional é um “processo contínuo que se preocupa com o ‘para onde ir’ e ‘quais as maneiras adequadas de chegar lá [...]’”. Ainda na perspectiva da autora anteriormente citada, o professor, ao elaborar seu planejamento educacional, deve objetivar: relacionar o desenvolvimento do sistema educacional com desenvolvimento econômico, social, político e cultural do país e de cada comunidade em particular; estabelecer as condições necessárias para o aperfeiçoamento dos fatores que influem diretamente sobre a eficiência do sistema educacional; alcançar maior coerência interna na determinação dos objetivos; e conciliar e aperfeiçoar a eficiência interna e externa do sistema.

Como requisitos do planejamento podem-se apontar a aplicação do método científico de investigação da realidade educativa, cultural, social e econômica do país, ponderação objetiva das necessidades a fim de satisfazê-las a curto, médio e longo prazo, ponderação das possibilidades de recursos humanos e financeiros, a fim de se garantir a eficácia das soluções propostas e, por fim, previsão dos fatores mais importantes que interferem no desenvolvimento do planejamento (TEIXEIRA, s.d.).

Portanto, o planejamento não é em momento algum uma solução a todos os problemas sociais, morais, educacionais; ele é uma ponte de auxílio que visa à melhoria de algumas situações consideradas cruciais e por ter essa característica não deve ser considerado como algo ditador, com regras a serem cumpridas. Todo e qualquer planejamento educacional, pois, deve conter em sua característica principal a democracia, ou seja, a possibilidade de mudança de acréscimos de construção (PADILHA, 2001).

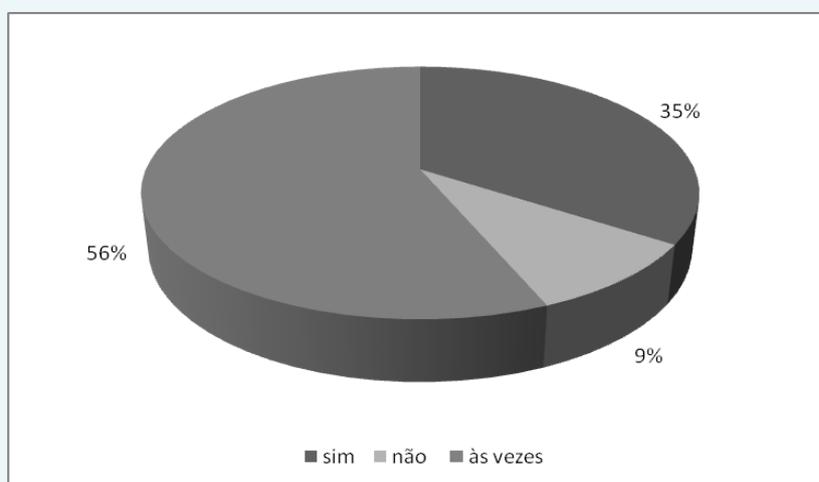
5 METODOLOGIA E ANÁLISE DOS RESULTADOS

O procedimento metodológico adotado foi à pesquisa exploratória, por meio de aplicação de questionário semiestruturado composto por 02 questões abertas e 08 fechadas, todas versando sobre o ato de planejar dos docentes investigados. Para atingir os objetivos da pesquisa, neste estudo, foram priorizadas apenas três questões. A amostra foi constituída por 32 professores bacharéis (02 por curso), de um universo de aproximadamente 389 professores, atuantes nos 16 cursos ofertados no ano de 2007, por uma Universidade Pública

Estadual da Bahia. A escolha inicial dos colaboradores da pesquisa foi aleatória e, ao final, foi definida a partir dos questionários com as respostas próximas ao problema e aos objetivos do estudo. Os dados foram levantados quantitativamente, analisados e discutidos qualitativamente.

Na questão que se indagou se o planejamento é desdobrado conforme as necessidades específicas dos alunos, apresentam-se os percentuais expressos no gráfico abaixo:

GRÁFICO 1 - Planejamento e as necessidades dos alunos



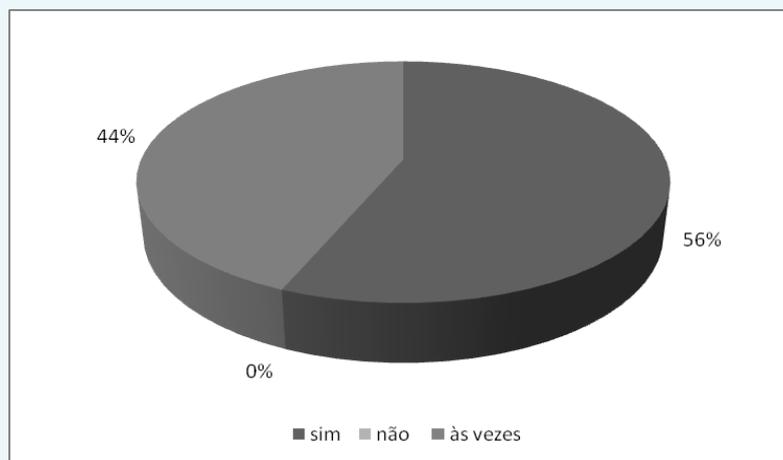
Fonte – Universidade Pública Estadual da Bahia, 2007.

Nota – Pesquisa realizada pelo próprio autor.

Percebe-se que 9% dos professores informaram que não, 56% informaram que às vezes adequam o planejamento à nova realidade e 35% responderam sim, pois sempre que percebem a necessidade de reformulação em função da turma, redimensionam o planejamento. Observa-se, portanto, que apenas 35% dos professores pesquisados são sensíveis à importância do desdobramento do planejamento em função das necessidades dos alunos. O planejamento não deve ser estanque e imutável. Deve ser elaborado para possibilitar o bom andamento da atividade docente e, se necessário, deverá ser reformulado em função de novas demandas.

Quando perguntado sobre a relação do planejamento e a formação dos alunos, obteve-se os seguintes resultados, conforme gráfico a seguir:

GRÁFICO 2 - Planejamento e a formação do aluno



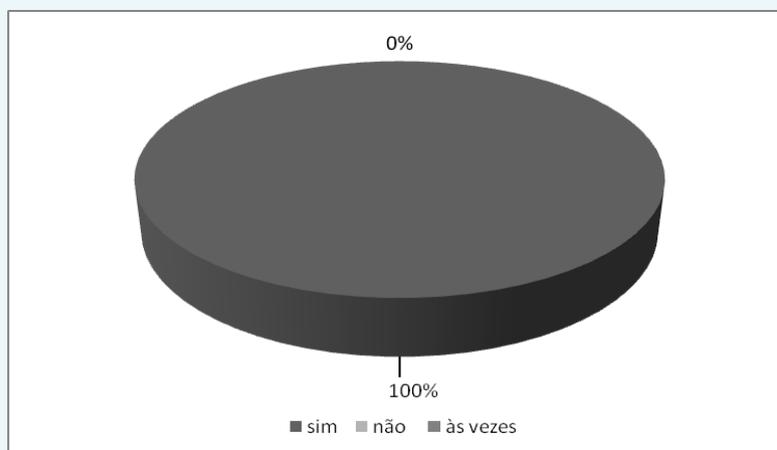
Fonte – Universidade Pública Estadual da Bahia, 2007.

Nota – Pesquisa realizada pelo próprio autor.

A partir dados obtidos, percebe-se que 56% dos professores acreditam que seu planejamento atende ao que eles consideram importante para a formação do aluno e 44% acreditam que às vezes atende. Os dados demonstram que os docentes questionados, precisam aprimorar mais o seu planejamento para garantir melhor capacitação ao educando. É através da formação profissional do aluno aliada à sua formação como cidadão consciente e crítico que a sociedade evolui. Conforme afirma Gandin (1995), planejar é elaborar-decidir que tipo de sociedade e de homem se quer e que tipo de ação educacional é necessário para isso.

Quanto à questão da influência do planejamento no trabalho docente os professores foram unânimes em sua resposta, conforme gráfico abaixo:

GRÁFICO 3 - Planejamento e a formação do aluno



Fonte – Universidade Pública Estadual da Bahia, 2007.

Nota – Pesquisa realizada pelo próprio autor.

Dos professores pesquisados 100% afirmaram, contrariando as suas respostas anteriores, que o ato de planejar influência consideravelmente no desenvolvimento do trabalho docente. Diante dos resultados, vislumbramos, talvez, que os docentes precisam melhor compreender a importância do planejamento na condução do seu trabalho, pois só com um plano, com a organização da ação pedagógica que se pode, efetivamente, alcançar os objetivos do ensino.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando o referencial apresentado, percebe-se que o educador precisa continuamente organizar as suas ações. Para tanto, faz-se necessário um efetivo planejamento das atividades de ensino para o alcance dos resultados esperados.

Daí concorda Calhau (1997), quando afirma que,

planejar e organizar a ação educativa é oferecer um clima que favoreça o processo de construção de conhecimento, tendo em vista os objetivos que se quer alcançar, o potencial didático do grupo, as estratégias utilizadas, os recursos e as etapas para serem percorridas.

Os resultados obtidos neste estudo demonstraram que, em linhas gerais, os docentes percebem a importância do planejamento bem como a sua influência no trabalho docente. Os professores conscientes da relevância do seu papel enquanto educador precisam planejar suas ações. Entretanto, em discordância desta percepção, constatou-se que um percentual considerável não reformula seu trabalho para atender às necessidades dos alunos, não percebem que há uma relação entre o planejamento e a qualidade do ensino como também acreditam que somente às vezes o planejamento atende ao que consideram importante para a formação dos alunos.

Portanto, observa-se que os professores percebem os impactos que o planejamento provoca em uma ação didático-pedagógica e como isto pode afetar seu trabalho. Contudo, constataram-se algumas contradições na visão dos professores acerca da temática discutida o que deixa clara a necessidade de uma maior uma compreensão do papel e da relevância de uma ação docente planejada, pois, segundo Turra (1993) o professor que deseja ter uma boa atuação deve participar, elaborar e organizar planos em diferentes níveis de complexidade para atender em classes seus alunos. Por fim, através do planejamento a ação docente poderá

alcançar mais seguramente seus objetivos que é possibilitar a formação do estudante enquanto profissional e cidadão para que possa intervir e contribuir positivamente com a sociedade em que está inserido.

REFERÊNCIAS

BAFFI, Maria Adélia Teixeira. **O planejamento em educação:** revisando conceitos para mudar concepções e práticas, Petrópolis, 2002. Disponível em: <<http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/fundam02.htm>> Acesso em: 10 jan. 2008.

BATEMAN, Thomas S. Administração: construindo vantagem competitiva. (tradução Celso A. Rimoli; revisão técnica José Ernesto Lima Gonçalves, Patrícia da Cunha Tavares). São Paulo: Atlas, 1998.

CALHAU, Maria do Socorro Martins. Planejamento e avaliação. **Salto para o futuro. Educação de Jovens e Adultos.** Brasília: MEC, 1997.

CAPPELLETTI, Isabel Franchi. Planejamento de Ensino. **Revista Escola.** N. 5. Abril, São Paulo, 1972.

DAFT, Richard L. **Administração.** (tradução Robert Brian Taylor). São Paulo: Thomson Learning, 2007.

FERENC, Alvanize Valente Fernandes. Como o professor universitário aprende a ensinar? Um estudo na perspectiva da socialização profissional. **Ver. Interface Comunic., Saúde, Educ.,** v. 9, n. 18, p. 645, set./dez. 2005.

GANDIN, Danilo. **Prática do planejamento participativo,** Petrópolis: Vozes, 1995.

GIUSSANI, Luigi. **Educar é um risco:** como criação de personalidade e de história. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2000.

LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da escola pública:** a pedagogia crítico-social dos conteúdos. São Paulo: Loyola, 1998.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Planejamento, execução e avaliação no ensino. A busca de um desafio.** Revista FAEEBA. Salvador. V. 2, n. 02. jul./dez., 1993.

MAXIMIANO, Antonio César Amaru. **Teoria geral da administração: da revolução urbana à revolução digital**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2004.

MENEGOLLA, Maximiliano; SANT'ANNA, Ilza Martins. **Por que planejar, como planejar?: currículo-área-aula**. Petrópolis: Vozes, 1999.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2000.

PADILHA, R. P. **Planejamento dialógico: como construir o projeto político-pedagógico da escola**. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire, 2001.

ROBBINS, Stephen Paul. **Administração: mudanças e perspectivas**. (tradução Cid Knipel Moreira). São Paulo: Saraiva, 2005.

SADALLA, Ana Maria Falcão de Aragão et al. Partilhando formação, prática e dilemas: uma contribuição ao desenvolvimento docente. **Ver. Psicologia Escolar e Educacional**, 2005, v. 9, n. 1.

TEIXEIRA, Gilberto. **Parâmetros de planejamento acadêmico: um modelo**. Disponível em: < <http://www.serprofessoruniversitario.pro.br> > Acesso em: 10 ago. 2017.

TURRA, Clódia Maria Godoy *et al.* **Planejamento de ensino e avaliação**. 11. ed. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzato, 1993.

VASCONCELLOS, Celso dos S. **Planejamento: projeto de ensino-aprendizagem e projeto político-pedagógico**. 12. ed. São Paulo: Libertad, 2004.

WERNECK, Hamilton. **Se você finge que ensina, eu finjo que aprendo**. 12 ed. Petrópolis: Ed. Vozes, 1997.

ZABALZA, Antoni. **O ensino universitário: seu cenário e seus protagonistas**. Porto Alegre: Artmed, 2004.